



Adriana Pereira e Ricardo de Pinho, estudantes de psicologia e filosofia, são a alma – e a poesia – da editora **Corpos**. E o que tem esta editora que as outras não têm? A diferença está sobretudo na forma da edição. Livros de poesia em forma de maços de cigarros, charutos ou cigarrilhas. Para deixar viver a leitura

Texto de Ruben P. Ferreira
Fotografia de Alberto Picco

> O cigarro fuma-se, não se desenrola. A nicotina arde, não se lê. Os maços de cigarros gastam-se, não se guardam. À excepção rara dos maços editados pela **Corpos**, uma editora recente (novinha), levada para a frente por Ricardo de Pinho e Adriana Pereira, ambos estudantes de filosofia e psicologia, respectivamente.

O seu maior trunfo desde então tem sido criar um novo conceito de leitura, mais acessível para o público. A ideia é tão boa que uma editora os plagiou, com os maços de cigarros com poesia enrolada dentro. Por questões que não interessam, mas que os dois fazem questão de lembrar: "Depois de editar um livro em Gaia, fui convidado por uma editora gaiense para exercer a função de director de marketing. Entretanto, tive a ideia dos maços de poemas. Quando souberam que eu tinha registado e patenteado a ideia despediram-me. Assinei um contrato e no dia seguinte fui despedido."

Esta história podia servir de inspiração para escrever uma dezena de poemas enrolados de uma vez só. Apesar das dores de cabeça que estes dois jovens têm tido por não conseguirem lutar contra o poder de uma editora organizada, só podem ser plagiados nos maços de cigarros. Mas enrolam muito mais coisas. Charutos, cigarrilhas e até já vendem algumas carteiras, não de tabaco, mas de folhas com poemas escritos, o denominado "fumo poético". Não têm sede própria, idealizam e pagam o design e a impressão de todos os objectos que criam e enrolam à mão tudo o que é vendido: dez maços por hora. Além de terem a seu cargo a distribuição por toda a região norte. Para o sul já conseguiram o apoio de uma distribuidora. Mas tinham cepa para percorrerem o país de lés a lés por uma ideia. Dois dedos de conversa com eles e isso transparece logo, na convicção assustadora e determinante que os caracteriza.

O Natal do ano passado serviu como afirmação da editora no meio literário e comercial. Muita gente comprou maços para oferecer, e os números apontam para cinco mil livros (em maço) vendidos num mês. A partir de então alguma saúde financeira, mas nada de extraordinário. O que importa mesmo são os livros, do substantivo quotidianamente dado a um objecto com capa e contracapa, folhas no meio, fixas na lombada.

O odor desta poesia enrolada nada tem que ver com essa ideia tradicional de leitura. Pode escandalizar alguns velhos do Restelo, mas em pleno século 21 exigem-se propostas inovadoras para cativar público para os livros, e evitar que este morra e se torne num objecto decorativo. "O livro nunca esteve tão vivo" é o lema presente em todos os objectos criados por Ricardo e Adriana, cientes que estão da possibilidade de, no futuro, poderem também editar no sentido mais convencional.

Começaram com poemas de Rimbaud, Verlaine, Shakespeare, e mais recentemente editaram "Cenas Obscenas", de António Monteiro, e "Flores de Carne", do próprio Ricardo de Pinho. Os tubos de ensaio sobre a decadência e os sete pecados mortais – que podiam muito bem conter um belo charuto – foram a maneira que encontraram para lançar seis novos autores, que editarão mais extensamente num futuro próximo.

Por agora, reconhecem: "O poeta não tem de ser miserável. A tragédia da poesia é uma coisa interior." Seguindo este princípio e tendo a noção do tempo e do espaço onde vivem, os dois têm tentado sobreviver com o fruto do seu trabalho, e esperam que cheguem tempos melhores.

"Outrora, sentia-me ofendido pelas lágrimas que me olhavam... Como poderia alugar-me para mais uma maldade?" – é uma citação que revela alma e carácter. Pode ser lida num desses maços, perto de si. Num livraria, claro.

>> A enrolar poesia

> Começaram com poemas de Rimbaud, Verlaine, Shakespeare, e mais recentemente editaram seis novos autores: a decadência e os sete pecados mortais em tubo de ensaio